



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 364 — Preço 1\$00
22 DE FEVEREIRO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

S. O. S.

Toda a gente sabe que uma parte considerável das sociedades cultas nega a existência da alma e, no entanto, eis uma singular e flagrante contradição:

Sabem o que significam as três letras seguintes: S. O. S.? São as iniciais da célebre frase:

«Save our souls», que por sua vez quer dizer «Salvai as nossas almas».

Com o invento de Marconi a trágica frase foi declarada internacional e inserida nos códigos marítimos de todo o mundo, enunciada simplesmente com as iniciais S. O. S. Grito de agonia! Letras de morte!

Um dos primeiros vapores que a transmitiu foi o grande Titanic — a maior quilha que jamais sulcou águas do mar — em 14 de Abril de 1912.

Quem estas linhas escreve vinha então sobre as plácidas águas do Mediterrâneo, prôa feita ao Ocidente, encostado aos lindos pomares da Calábria, com o Vesúvio à vista, quando o vapor apanha nas antenas, em 2.ª mão, o S. O. S. daquele transatlântico e logo a seguir nova mensagem: «Perdidos!»

A sereia do nosso barco larga três estridentes gritos de dor; a tripulação forma no convés; os passageiros descobrem-se e a charanga executa um hino sublime da confissão de Lutero!

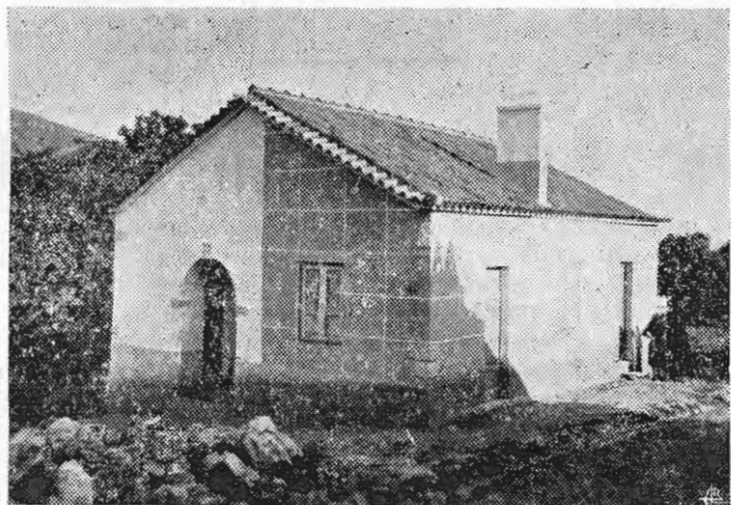
Na mesma ocasião e ao som de idêntico hino 1.015 anglo-saxões davam ao mundo civilizado o exemplo frisante da maior coragem, da maior ordem, do maior respeito próprio, da maior abnegação e magnanimidade de que o espírito humano é capaz: aqueles 1.015 homens, havendo posto a salvo, dentro das baleeiras, as mulheres e os filhos, desapareceram serenamente nos abismos insondáveis do Atlântico!

Haviam feito todos uma confissão da existência da alma. Só a alma, e alma grande, é capaz de tanto!

Foi um barquito que veio há dias aqui a Buarcos com antenas nos mastros que me sugeriu a ideia de publicar no «Lume Novo» esta coisa nova para muita gente.

Fr. Junípero

«LUME NOVO — N.º 4 — (número especial da «Colónia de Férias» de Buarcos em 1927).



Fanhões — uma casa e dois Lares.

RELATORIO DE 1957

Património dos Pobres

Antes de mais — não fosse a inclusão deste capítulo no Relatório avolumar o equívoco — importa definir as relações entre a Obra da Rua e o Património dos Pobres. Elas não são de natureza jurídica. A Obra da Rua tem um estatuto que a constitui pessoa moral. O Património também. Mas a sua personalidade é de base paroquial. Quer dizer: a Obra da Rua, tem um sujeito apenas, com sede em Paço de Sousa e uma acção espalhada por mais sete comunidades, ao longo do país. O Património dos Pobres tem tantos sujeitos quantas as paróquias em que está juridicamente erecto.

Porém, pode a maioridade dar direitos novos, a autonomia, que não quebra as relações fundamentais — diria mesmo: vitais — entre pai e filho.

Ora o Património nasceu aqui e nasceu aqui. Foi da Conferência dos rapazes, os quais, nesta hora em que escrevo, oigo rumorejar em sua reunião semanal.

«De uma vez, os nossos vicentinos reunidos à volta da mesa do costume, falaram e o presidente veio ter comigo. Em nome dos confrades, pediu-me que procedesse a reparos ou mandasse construir habitações decentes para os seus pobres. Era um pedido de grande circunstância, se tomarmos em conta quem e para quem. Tínhamos forçosamente de atender e dissemos ao rapaz que sim.

...As primeiras faúlhas caíram num lugarejo da freguesia de Paço de Sousa, no mês de Setembro de 1951. Foi a medo. Era uma audácia. Era o inédito. Designaram-se quatro famílias e na tarde daquele dia, sem convites nem assistência, entraram no que ia ser delas. Estava o acto consumado. Os rapazes vicentinos foram escutados. Os seus pobres confortados. O mundo contente. A justiça servida. Deus glorificado. Começou o incêndio».

Por isso, todo o movimento do Património dos Pobres aqui se cruza e, embora em direito nada signifique este endereço que às vezes cá vem dar — A Direcção Nacional do Património dos Pobres — verdadeiro

é que a realidade é muito mais profunda que o direito, e que os ramos novos não perdem nada da sua independência por virem beber a seiva ao velho tronco que os gerou.

No entanto, esta radicação paroquial do Património é coisa muito notável e diz bem do génio e da grandeza de alma de Pai Américo.

Se o Património ficasse juridicamente ligado à Obra da Rua, o seu desenvolvimento quedaria circunscrito às possibilidades de acção dos padres da rua, portanto às vizinhanças das Casas do Gaiato. Assim, de norte a sul, de leste a oeste e para além do território continental, aí vai a lista magnífica de 235 freguesias, cujos párocos e vicentinos se deixaram queimar pelo mesmo fogo que o Espírito fez descer

sobre os nossos rapazes e Pai Américo e têm ateadado o «incêndio», começado aqui, «a medo», porque «era uma audácia», porque «era o inédito...»:

Agrela, Águas Santas, Águia, Aguiar da Beira, Alandroal, Alcácer do Sal, Alcanena, Alecoaba, Aldeia das Dez, Aldeia Nova de S. Bento, Alhandra, Alhos Vedros, Alijó, Almacave—Lamego, Alpedrinha, Alpiarça, Alverca, Alvito, Amarante—S. Gonçalo, Amareleja, Amora, Angra do Heroísmo—Açores, Arcos de Anadia, Areias—S.to Tirso, Armamar, Arouca, Arraiolos, Assafarge, Avintes, Aviz, Azere—Tábua, Baltar, Barbacena—Alentejo, Barcelos, Beja, Belinho—Espônsa, Benavila, Beringel, Bom-

Cont. na pág. DOIS



Aqui, LISBOA!

Ainda que se afigure paradoxal, é muito verdadeira a frase que em tempos ouvi numa barraca: — «a justiça dos homens é injustiça». Digo verdadeira, porque encontra correspondência na vida de todos os dias.

Lá para o norte, uma viúva, em momento de desvario, comete crime de morte e a sanção surge-lhe vertical. A cadeia entreabre-se para a recolher por largos anos. A justiça parece satisfeita. Contudo, a reclusa não era só: um filho de onze anos constituía o seu mundo. Com ele vivia. Subtraída, ficou aqnele ao abandono, encostado às paredes, e pedinchar, ao deus dará. A espada da justiça varou o crime mas o seu gume feriu também o inocente. Não pedimos atenuantes para a sentença, somente clemência para com os menores a quem roubam os pais. Largá-los na rua, nunca. É a pista escorregadia que os conduz às cadeias. Informados,

apressamo-nos a reconduzir o pequeno, não venha a ser tarde. Hoje ele está connosco. O Baião.

O povo simples é reflectido nos seus dizeres — «É um crime deixá-lo para aí na rua!» Mas o Baião ficava.

Há crimes que a lei pune inexoravelmente; outras há que não afectam as consciências distraídas dos executores.

De modo diferente também sofrem os inocentes e a lei não entra em vigor, não por via de força inacta na própria lei, mas por falta de executores sinceros.

É em Monsanto, ao som das picaretas a perfurar pedreiras, que ouço soluçar este lamento: «Olhe para estes inocentes». Uma pobre velhinha redobra o pranto: «A mais crescida tem dez anos. O pai fugiu e deixou a mãe. Agora, vai-se ela e fico eu com a carga». A carga são três encantadoras crianças desprezadas por gente sem coração e sem vergonha. A velhinha torna a soluçar: «Que fazer?»

Também eu aqui repito: que fazer? Mas ele não há leis, nem

Continua na página QUATRO

Visado pela
Comissão de Censura

RELATORIO DE 1957

barral, Bonfim, Braga, Cabeça Santa, Cacia, Cadaval, Caldas da Rainha, Caldas da Saúde, Calendário, Calheta — Madeira, Câmara de Lobos — Madeira, Campanário — Madeira, Campo Maior, Canas de Sabugosa, Canelas, Cano, Cantanhede, Carrazedo de Montenegro, Cartaxo, Carvalhido — Porto, Carvalhosa — Paços de Ferreira, Cascais, Castelo Branco, Castelo de Vide, Cete, Cinfães, Coimbra, Colmeias, Covilhã, Cucujães, Cural das Freiras — Madeira, Eixo, Eja, Elvas, Ereira, Ermezinde, Espinho — Braga, Esporões, Esposende, Évora, Extremoz, Fajã de Baixo — Açores, Fajozes, Famalicão, Fanhões, Fânzeres, Febras, Ferreira de Aves, Figueira de Castelo Rodrigo, Figueira da Foz, Fonte Arcada, Fontelas, Fontelo de S. Domingos, Foz do Douro, Gafanha da Encarnação, Galegos, Gandra, Gondarém, Guarda, Gueifães — Maia, Guilhufe, Guimarães, Gulpilhares, Horta — Açores, Idães, Juncal, Lagares, Lajes — Açores, Lalim, Lamego, Lavos, Leça da Palmeira, Lever — Gaia, Lomba de S. Pedro — Açores, Longa — Tabuaco, Loriga, Louredo da Serra, Lousã, Maceira Liz, Madalena — Amarante, Madalena — Gaia, Magueija, Marinha Grande, Marinhãs — Esposende, Matriz — Póvoa de Varzim, Maximinos — Braga, Meda, Medelim, Medrões — Santa Marta de Penaguião, Melres-Gondomar, Messegana, Mira de Aire, Miragaia — Bairro D. António Barroso, Miranda do Corvo, Mirandela, Molelos, Morreira-Braga, Moura, Murtosa, Nogueira — Braga, Oeiras, Oldrões, Oliveira, Oliveira de Barreiros — Viseu, Ordins, Paço de Sousa, Parada de Todeia, Parede, Paredes, Pataias, Pavia, Penafiel, Penaguião, Peravelha, Peso, Ponta do Sol — Madeira, Ponte da Barca, Portelo de Cambres, Porto Moniz — Madeira, Povoação — Açores, Praia do Ribatejo, Rabo de Peixe — Açores, Ramalde, Rans, Rebordosa, Recarei, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Ribeira Brava — Madeira, Ribeirão — Famalicão, Ribeiros — Fafe, Rio Maior, Rio de Moinhos, Rio Tinto, S. Domingos, S. Jacinto, S. João da Madeira, S. João dos Montes, S. João da Pesqueira, S. José de Riba Mar, S. Martinho do Bispo, S. Martinho do Campo, S. Martinho de Dume, S. Martinho do Porto, S. Miguel de Paredes, S. Pedro — Madeira, S. Pedro de Este, S. Pedro da Raimonda, S. Roque — Açores, S. Tiago de Antas, S. Tiago da Cruz — Famalicão, S. Vicente de Ferreira — Açores, S. Victor — Braga, Safara, Santana — Madeira, Santo Tirso, Santarém, Sé — Bragança, Sé — Funchal, Sé — Leiria, Sé — Lamego, Secarias, Seia, Setúbal, Singeverga — Negrelos, Sintra, Sobrado — Valongo, Sobreira — Douro, Soure, Tavares, Teixoso, Tojal (Santo Antão e S. Julião), Tomar, Toutosa.

—Livrção, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo, Trancoso, Urgeses-Guimarães, Valadares, Valpedre, Vendas Novas, Vialonga, Viana do Alentejo, Viana do Castelo, Vila do Bispo, Vila Meã, Vila Franca de Xira, V. Nova do Ceira, Vila Nova de Tazem, Vila do Porto — Açores, Vila Real de Santo António, Vila Verde — Figueira da Foz, Viseu, Vouzela.

Mas, se o Património não conservasse este elo familiar com a Obra da Rua, correria o risco de perder na pluralidade dos sujeitos jurídicos a unidade de pensamento e de acção com o Fundador de ambas as Obras.

Por isso, todo o movimento do Património dos Pobres aqui se tem cruzado e deve continuar assim. Que ninguém deturpe! O Património não é panaceia universal de todos os problemas de habitação. Fica lugar para muitas soluções diversas. Não se vá usar do nome, porque imposto à consideração e confiança de todos, e dá-lo a outras obras que não aquela dita por Deus a Pai Américo. Seria abusar.

Que ninguém deturpe!

x x x

Sim, o Património dos Pobres não é panaceia universal, mas foi a faísca que desencadeou o incêndio.

Quem lê desde há semanas os nossos diários, encontra-os cheios do problema habitacional e de muitos outros que lhe são consequentes e concomitantes. Discute-se. Fala-se. Sugere-se. Critica-se construtivamente. Quer dizer que se sente e que se vive. Deus permita que não só em palavras e em projectos!

Dizem que nós, portugueses, somos muito do improvisado. Eu cá digo que nós somos mas é muito de planos. Tanto, que nos gastamos todos neles e a custo chegamos à sua realização.

Ora o Património seguiu, como todas as obras de Pai Américo, o caminho lógico que a Filosofia Perene ensina: Primeiro, foi; depois manifestou-se. A grande propaganda das casas foi feita por elas mesmas, à beira das estradas, airosas, suficientes, a provocarem a curiosidade e o interesse dos viandantes. Não se perdeu por se ter feito primeiro e falado depois. Vão passados seis anos apenas sobre o início do grande movimento. Ninguém o projectou. Ninguém lhe garantiu financiamento. Ninguém soube nada de como ia ser antes de ser. Vão passados apenas seis anos e andam por 1.400 as casas airosas, suficientes, a provocarem o interesse dos viandantes, desde o Minho ao Guadiana, desde Madeira e Açores até Lourenço Marques. Casitas que «são um amor de pobres e pequeninas», feitas padrões do Império, a dizer que ali é Portugal.

Ora esta fecundidade miste-

riosa, em que os frutos excedem todas as previsões feitas razoavelmente em função da sementeira, só um Organismo a tem. Aquele que é o «Organismo vivo da Caridade de Deus à face da terra». Aquele em que «Paulo semeia e Apolo rega», mas em que o incremento vem directamente de Deus. Vamos ao número 185 de «O Gaiato» ouvir o cântico de Pai Américo:

«A Igreja! A força irresistível da Mãe! Quem é que ensinou a ler? Quem deu pão? Quem curou feridas? Quem arroteou? Como gosto de mergulhar nestas verdades da história! Vinte séculos não a perderam. Outros tantos não a perderam! A Mãe! É por amor d'Ela que os Pobres de Paço de Sousa têm hoje a sua casinha; só por Ela. Não haveria dinheiro que comprasse. Não haveria força que obrigasse nem palavra que convencesse. Nenhum dos que deu daria terreno; mas para a Igreja todos deram! É ela, a Mãe, que veste, que agasalha, que ampara, que dá os seios. Não é mais ninguém.

Nem apostasias, nem deserções, nem fraquezas — nada. Nada lhe toca. Nada a diminui. Ela é a Mãe.

...Temos as redes lançadas. As casas estão a subir. É por amor do prestígio da Igreja que estas e outras não-de subir; eu amo a Igreja por Ela ser quem é!

Só «por Ela ser quem é», só

pela enxertia do divino no humano que se passa no Seu seio e dá ao humano a eficácia de se ultrapassar — só por Ela foi possível construir 1.400 casas em 6 anos, sem garantia de fundos de financiamento, sem despesas de ordem administrativa, sem burocracia nem as demoras que esta **super-ordem**, costuma causar. Li há poucos dias em «Novidades» este pensamento de La Bruyère, que é oportuno aqui recordar: «Circunstância essencial da Justiça é ministrá-la prontamente; fazê-la esperar ou diferi-la é já uma injustiça».

Parcece, pois, que a Nação, tão entusiástica e espontânea no acorrer a esta Cruzada, que é de todos e para o bem de todos, não andarão cooperando numa solução que peque por defeito de inteligência. Certamente pelo reconhecimento da inteligência da Obra que faz brotar recursos, espontânea, alegre, apaixonadamente, de tantas fontes que se pensavam secas e afinal esperavam somente a percussão de nova «vara de Moisés»; certamente por isso, o Estado tem cooperado também, por mãos do Ministro das Obras Públicas, com um subsídio anual, limitado, que nós juntamos ao mais que o Povo nos dá e vamos dividindo por aquelas paróquias que dão sinal de vida, no momento oportuno em que, segundo Pai Américo, «as casas chegam ao telhado».

Pequenos auxílios

Outra modalidade que temos incrementado bastante nos últimos tempos, são os pequenos auxílios a lavradores pobres, que, com um pedaço de terreno dado e umas árvores, e pedra e ajudas de outros, tão pobres como eles, que dão do que têm, a mão de obra — vão construindo as suas casas. Em regra tomamos o telhado à nossa conta, desde que a casa seja suficientemente bem construída e dimensionada relativamente à família a que se destina. Com pequeninos quinhões, que raro excedem os dois mil escudos, vão-se dando possibilidades a estes heróis desconhecidos, que argamassaram em suor e sangue as pedras das suas casas, num esforço inaudito de reacção ao peso morto da miséria em que a sociedade os tem deixado estar. Justamente, a face rural dos problemas da habitação, com todos os inconvenientes da permanente sedução da fuga para a cidade é, no momento que passa, a palavra de ordem.

Ora o Património dos Pobres, quer edificando casas que ficam propriedade da Paróquia para o serviço dos seus Pobres, quer ajudando alguns deles, que ainda são capazes

O problema da habitação das nossas cidades não é senão uma das muitas facetas de fundos problemas sociológicos, que se têm remediado aqui e ali com um bocadinho de arnica e uma ligadura, sem cura mais radical que interrompa e pare o processo crescente da infecção.

Evitar que o erro se avoluma mais nos meios urbanos, dando condições de habitação, de salário e segurança social, aos que vegetam nas nossas aldeias e correm o risco de caírem na ilusão enganadora da cidade — é «matar dois coelhos com uma só cajadada».

Os problemas dos homens são, na verdade, muito complexos para a dimensão do homem, por mais sábio e prudente que ele seja. Nós vemos todos os dias tentativas novas, sem dúvida bem intencionadas, falhando redondamente, ou perdendo quase todo o rendimento na teia emaranhada que a complicação dos homens tece.

E no entanto os problemas dos homens têm uma resposta. Têm-na na boca de Deus. É Deus é Pai. «Não dá pedra ao filho que lhe pedir pão. Nem serpente ao que lhe pedir peixe». O mal é o que o homem não pede. A heresia anda no ar e todos a respiramos. Mais ou menos inconscientemente, o homem, mesmo o que se diz cristão, sonha-se «deus in fieri» e espera de si a solução dos problemas dos homens. Engano demoníaco, que só não é blasfémia porque quase sempre o homem se sonha tal bastante inconscientemente.

Porém, aos complexos problemas dos homens se opõe a verdade simples da Paternidade Divina, da Sua Bondade, da Sua Infinitude. A promessa está: «Primum regnum Dei e iustitia eius». Só essa parte é conosco. O resto é com Ele.

Os problemas dos homens são, na verdade, muito complexos para a dimensão do homem. Por mais sábio e prudente que ele seja, sempre conhece pouco do como e do porquê dos mistérios da Vida...

Deus é Pai. Conhece e pode tudo. Os problemas dos homens não existem para Ele. Porquê o homem não lhe pergunta as soluções?!

Afinal, o que falta no mundo é a Humildade!

Auto-construção

Ainda outra actividade a que temos sido presentes, muito mais pela adesão moral do que pelo pequenino auxílio material dispensado, é a auto-construção.

Padre Fonseca, Pároco de Aguiar da Beira, tem dado notícias deste movimento com certa regularidade, na secção de «O Gaiato», **Casas para Trabalhadores**. Quem tenha

seguido os seus artigos, terá notado a altíssima preocupação pedagógica que o norteia e o anima. Ocupar os ócios de rapazes que os dissipariam, talvez, em nada, se não mesmo em mal; dar-lhes desde a adolescência o sentido da vocação familiar; prendê-los desde então à meta, ainda longínqua, mas já ambicionada, dos seus futuros lares; e en-

RELATORIO DE 1957

contrar nesse ideal, erguido como bandeira ao vento, a força motriz de tantos sacrifícios e renúncias, como têm vindo a fazer os rapazes da sua primeira «equipe» — eis o seu grande objectivo.

Pessoa responsável, de espírito rasgado, dizia-nos há tempo que o problema português número um é o da educação nacional.

Nós sabemos que muita miséria é fruto de desequilíbrio e de uma falta de senso na ordenação dos valores, que assenta no primitivismo da cultura e educação das nossas massas populares. Destas, as rurais, só não são ainda as mais estragadas, porque as grandes empresas de corrupção têm suas sedes sociais nos meios urbanos e só mais lentamente vão enviando às aldeias os seus viajantes.

Que as gentes provincianas, porque menos amparadas, encontram-se ainda mais permeáveis às fortes pressões demolidoras. Haverá zonas de excepção, ou melhor, muitas excepções em todas as zonas. Contudo, quem, por exemplo, se der à observação dos costumes dos habitantes dos bairros de lata de Lisboa e arredores e perguntar das suas origens, constatará que de regiões supostas muito sãs, saíram bastantes daqueles casos de total miséria, que arripiam os mais habituados.

A ignorância e a inocência são largas portas para o demónio entrar.

Dá, tantos Pobres, mais pobres ainda de juízo e moralidade do que de meios materiais. A assistência em tais casos não pode nada se não for informada pela Caridade. Esta, sim, é Virtude essencialmente pedagógica. Por isso que Ela é «paciente e benigna»; não age precipitadamente, nem se ensoberbece, nem busca os seus interesses, nem se irrita, nem suspeita o mal, nem folga com a iniquidade, mas se alegra com a Verdade; que «tudo sofre, tudo erê, tudo espera, tudo suporta» — por isso, só Ela pode dar vida aos bens materiais que a assistência lhe deve pôr nas mãos, de si mesmo mortos e ineficazes para remediar os tremendos problemas espirituais que a miséria arrasta consigo.

Ora na auto-construção que conheço, que vi com os meus olhos em Aguiar da Beira, e única de cuja existência sei, para além de teorias tratadas em numerosas reuniões de pessoas sabedoras, prudentes e bem intencionadas — apalpa-se a mística insuflada naqueles 10 rapazes, sem a qual será ilusão piedosa lançar uma «equipe». Agora, o grande valor que aquele esforço, que só Deus sabe, deu ao País não foram 10 lindas moradias, pobres, mas graciosas e dignas. O muito mais que ele deu, foram 10 rapazes de von-

tade forte, viris, cidadãos de tempera, pais de família que se preparam e fazem a riqueza de uma nação. Isto é a auto-construção verdadeira, movimento de almas, com alguma técnica, mas não em demasia, e muita Caridade, muita, muita, transfundida primeiro de quem foi a «cabeça» da empresa para cada um dos membros que a fizeram, para circular depois entre esses membros.

Educar na Caridade e pela Caridade, dando a mão a ra-

paizes que jamais poderiam por si próprios construir a moradia do seu Lar; de tal modo que desde já eles se prendam ao amor da sua casa como corpo e suporte da grande realidade espiritual para que se preparam, a Família — eis a profunda intenção de Padre Fonseca.

No capítulo da auto-construção fundada em Cristo, «pedra angular», eu não sei de mais nem de melhor, nem sequer de qualquer outra realização.

os grandes hospitais onde se verifique a omissão».

Como vai ser o Calvário? Às vezes fazem-nos perguntas sobre o modo concreto de certos pormenores. Se só para homens; se para os dois sexos; se para esta ou aquela doença; se para todas... Nós não sabemos. Pai Américo também ainda não sabia, como, aliás, sempre sucedeu com tudo quanto fez, cuja medida ele só conheceu depois de haver realizado. Os obreiros humanos das obras divinas são assim.

Nós sabemos apenas que, para já, temos na pequenina aldeia incipiente, uma casa para casal em que um deles é incurável e onde se não separa a quem Deus uniu. É a «Casa Esperança». A outra é a «Casa Graças a Deus», com uma sala, quarto de banho, e mais cinco quartos para outros tantos homens.

A residência hospitalar, casa-mãe do aldeamento, limita com a capela e o futuro bloco médico-cirúrgico a praca de

entrada, cujo centro de gravidade está marcado com a Cruz. Está agora nos acabamentos interiores. No próximo verão, se Deus quiser, começará a servir. As outras casas já servem desde a passada festa de Nossa Senhora do Carmo.

Que problemas novos não hão-de então surgir!... Agora ninguém nos pergunte por nada. O Espírito, que sempre tem soprado e dado a intuição das coisas, há-de continuar. A Obra é d'Ele. Agora ninguém nos pergunte nada. Nós temos uma palavra de ordem. Por ela nos guiamos: «Eles» (os obreiros do Evangelho) têm de caminhar por sobre as ondas, ainda quando a tempestade se forne no espírito dos homens, que são as mais difíceis de acalmar. Não podem por um momento confessar medo. Não podem duvidar. Uma vez que sentem a urgência da Obra e ouvem a palavra do Mestre, fecham os olhos, mergulham e realizam o impossível. Eis.

NUMEROS

E vamos finalmente aos números, que, por si mesmos, também dizem alguma coisa.

No ano de 1957, a Providência, pelas mãos de muita gente, deixou nas nossas pertinho de 2.530 contos para distribuir. Destes, 600 foram o donativo do Estado, que o Senhor Engenheiro Arantes e Oliveira despachou. A Nação marcou presença, pois, com 1930 contos.

Em Beire, no Calvário, consumiram-se 560 contos. Naquelas pequenas ajudas em que falamos anteriormente, cerca de 50. Para Aguiar da Beira, 20. Na última demão em Miragaia 140. Para a grande repartição por dezenas e dezenas de Paróquias do Continente e Ilhas ficaram-nos

$$2.530 - 770 = 1760.$$

Se tomarmos 5 contos por casa a média com que subsidiámos as dezenas e dezenas de Párocos a trabalhar, temos que:

$$1.760 : 5 = 352$$

casas construídas durante o

ano de 1957. Se juntarmos a estas 352, as que em algumas paróquias, poucas, se construíram sem a nossa ajuda, não é atrevimento nenhum dizer que 1957 teve para cada um dos seus dias a sua casa do Património dos Pobres. E mais: se fixarmos em 15 contos o preço de cada casa (que, na verdade, em média nacional é superior), temos que

$$350 \times 15 = 5.400 \text{ contos.}$$

Quer dizer: Aqueles 1.760 contos (para só contar a grande verba), dos quais 1.160 vieram do Povo, foram buscar ao Povo mais

$$5.400 - 1.760 = 3.640 \text{ contos.}$$

Ao todo, pois:

$$1.160 + 3.640 + 770 =$$

$$= 5.570 \text{ contos.}$$

que o Povo deu, espontânea, alegre, apaixonadamente, a bem da Nação.

Os números, às vezes, também dizem alguma coisa.

CALVARIO

É espantoso como Deus revela aos homens, por meio de um homem, remédios necessários e urgentes, cuja ansia morava, afinal, no coração de todos.

É assim o Calvário. Muitos se têm preocupado com os doentes e algo se tem feito por eles. Mas quando a ciência, por limitada, deixava cair os braços, impotente para curar, a ordem de sair era tudo. Daí em diante a trajetória do doente começava subterrânea, ainda antes da morte.

Pai Américo, em suas rondas por lugares de miséria, deu com muitos casos destes. A sua dor foi «chocando» o remédio. Houve mesmo uns casos precursores recebidos aqui em Paço de Sousa. E um dia, a ideia rebentou a casca e saiu: o Calvário.

Faltava a quinta onde se pudesse instalar. Mas, para que os homens saibam e acreditem que não são os meios materiais a mola real das obras que rea-

lizam a Justiça divina, tais meios surgem sempre no momento oportuno. Faltava a quinta... Pois ela veio, de um Amigo, que se desprende em vida e que não lhe tem sentido de falta, antes a muita alegria de ter dado.

O que é o Calvário? Vamos ouvir de novo Pai Américo:

«Parece que esta feição da vida social (o incurável) tem escapado aos organizadores de hospitais. Não sei se em qualquer deles haja sido instalado o serviço permanente no caso dos incuráveis. O hospital tem a função de curar. O incurável não pode entrar e se, entrando, prova um caso sem remédio, deve ir-se embora. Esta é a doutrina pública. E nós agora podemos perguntar: Ir para onde? Para onde vai aquele desgraçado, sem casa, sem família, sem amigos, sem nada?

Eis aqui a pergunta crucial. Por si só, ela condena, ou pelo menos, declara incompletos

Do que nós necessitamos

Começamos pelo Algarve. Portimão vem com 400\$. A firma Polónio Basto acrescentou cem. De Ermezinde 20\$ acompanhados de muita amizade: «Todos os meses tenho mandado esta quantia. Este mês ainda não falho e conto nunca falhar. Um pecador». Cinco vezes mais de Dundo — Angola. «Um casal feliz» de Monção vem, agradecido por tantos benefícios recebidos e promete voltar. Uma máquina de barbearia entregue no Espelho da Moda.

Dos Estados Unidos, 10 dóll. para os pobres do Barredo. Em ação de graças pelo bom resultado de uma operação cirúrgica, 100\$. Idem de uma Mãe que pede a saúde do corpo e da alma para os seus filhinhos. Oíçam: «Aqui vão 50\$. Gaste-os no que melhor entender. São o primeiro aumento de um pobre ordenado. As primícias eram dantes, por direito divino, pertença do Senhor; hoje, parece que por sua vontade, deviam sê-lo dos nossos Legados no Reino dos Céus — os Pobres! Um pecador». Aqui têm. Mais: «para as pessoas que, como eu, têm obrigação de fazer algum sacrifício monetário em favor dos outros, é uma Graça de Deus termos a quem entregar o produto desse sacrifício na certeza de ser bem entregue. Envio 250\$ para comemorar a alegria do nascimento da minha primeira filha». Isto dava um mundo de doutrina. Mas não. Procurem os leitores ver e aprender. Mais dóll. (10). Dos colegas amigos do Banco Borges & Irmão, 150\$. Do Lobito, migalhas para os pobres e assinaturas pagas. Sufragando a alma de um

amigo falecido, 40\$. Menos 10 da oferta de um Romero. Pela Corporação dos Pilotos da Barra do Douro e Leixões 250\$ e assinaturas pagas. «Parte do dinheiro ganho do meu primeiro trabalho». As primícias eram do Senhor, porque não também agora? Camisas de riscado de Oliveira de Azeiteis. E mais roupas da rua Alexandre Herculano, Lisboa. Em cumprimento de uma promessa, 120\$. Um anel da Murtosa. De Lourenço Marques palavras amigas e mil escudos de um admirador da Obra da Rua. A décima parte do Funchal. 40\$ para um Pobre doente. Santarém acrescenta dez. De um grupo de caridade lisbonense vieram cem. Seis vezes mais do Lobito e palavras de amor para com a Obra da Rua. Deixem falar o Grémio de Retalhistas de Mercaria do Norte — 2.000\$. De «dois amargurados», 50. O dobro de um anónimo de Casal-Vasco. Outra vez metade para um doente pobre do Barredo. Roupas usadas, na Casa do Castelo, Coimbra. Parem! Deixem passar este desconhecido. «Nós já nos conhecemos». Então quem é? «Não importa». Mas de onde é, ao menos, de Lisboa, do Porto, de onde? «Isto é em nome de Deus». Entregou um envelope fechado e foi-se embora. Eram 50 contos. Sem comentários para não desvirtuar o gesto do desconhecido. E agora: «sou aquele sujeito que costuma mandar de dois em dois meses cinquenta escudos para «a que so dá boroa ao filho quando barrega». Mas, sou também um grande cabeça no ar, tão grande que deixei passar sem a menor

Continua na página QUATRO



TRIBUNA
DE COIMBRA

PELAS CASAS DO GAIATO

Dizia Pai Américo que as nossas contas são caseiras, mas são certas. Os nossos livros estão em cima das nossas mesas de trabalho e sempre à disposição de quem quiser ver. Todos os de boa vontade acreditam. Continuamos no centro do país, com as portas abertas em Coimbra no Lar do Gaiato e em Miranda do Corvo na Casa do Gaiato. A população das duas casas foi em média de setenta e cinco pessoas.

No Lar de Coimbra o maior número é de estudantes no curso liceal. Outros trabalham em escritório e oficinas. Todos deram boa conta.

Na Casa de Miranda a maior parte é de idade escolar. Há já um grupo de vinte com exame da quarta classe. Quiseram todos as oficinas; só dois escolheram o campo. Dois prestam serviço militar.

As nossas oficinas, agora apetrechadas com máquinas, são o centro dos nossos encantos. Converte para ali a nossa maior esperança na formação profissional e social do rapaz de hoje, homem de amanhã.

Além do que tínhamos gasto em máquinas em 1956, gastamos mais 30.293\$00 em 1957. Na alimentação, vestuário, calçado, escola, medicamentos, mobiliário, renda do Lar, esmolas a doentes e Pobres dispendemos 198.108\$90.

Nas nossas casas de colónias de férias de campo na S. da Piedade funcionaram durante os meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro sete turnos, constituídos, na quase totalidade, por crianças das mais miseráveis de Coimbra.

Temos três rapazes a aprender a arte de pedreiro. Embora não tenhamos por agora grande necessidade de obras de vulto, temos grande necessidade de trabalho onde eles se possam preparar para a vida. Ampliamos a nossa nitreira, embelezamos a entrada da nossa casa, ao fundo da quinta, construindo um muro de suporte ao longo da estrada que nos serve de acesso e fizemos um barracão junto às oficinas para arrumações de madeiras; tudo isto importou em 49.129\$90.

Para fazer face a estas despesas temos por vezes que fazer actos de Fé na Providência de Deus, que alimenta as avezinhas do Céu que cantam os Seus louvores e veste de riqueza os lírios do campo que perfumam a terra com os seus odores e não pode abandonar os Seus próprios filhos.

Os nossos pequenos vendedores nas ruas de Coimbra, Figueira do Foz, Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Lousã, e Miranda e no verão na Anadia, Curia, e Luso, juntaram 56.603\$50.

Temos pena de não sermos capazes de dar testemunho de quanto eles agora são amados, eles, os escoraçados de ontem. Começamos agora a ir vender às cidades de Leiria e Tomar. Da primeira vez eles vinham escaldantes de alegria.

Nós pedimos muito aos habitantes das cidades de longe, aonde os nossos rapazes vão vender, que sejam os seus anjos bons e não os deixem perder.

Os nossos empregados fora apresentaram 34.641\$40.

Uma ajuda que vem sempre em boa hora é a dos subscritores de Coimbra. Foram 9.517\$. Os nossos dois gaiatos recebedores têm-me falado em fazer uma campanha para angariar mais subscritores. Eu tenho dito que não, mas agora disse que sim. Os habitantes de Coimbra que ainda não são, tenham paciência e dêem o seu nome. Das igrejas onde fomos levar alguma coisa de Doutrina trouxemos 28.702\$80.

De trabalhos feitos nas nossas oficinas, 5.381\$20.

Da Direcção Geral de Assistência, recebemos 60 contos para as nossas casas e seis para as Colónias de Férias.

Da Câmara de Coimbra vieram-nos cinco contos. Os restantes oitenta e quatro contos não demos fé donde vieram.

Foi à mão fechada, foi pelo correio, foi trazido a nossa casa, foi levado aos lugares do costume. Não sabemos e não queremos saber. Veio. Deus é testemunha.

Quisemos, acima de tudo, que o centro da nossa vida fosse a formação espiritual e moral dos rapazes. Os mais velhos tiveram o seu retiro espiritual de três dias. A Comunhão Pascal foi preparada. Procuramos pôr-lhes a mesa e chamá-los ao Banquete todas as primeiras sextas feiras de cada mês. Na medida em que pudemos, ensinamos Doutrina. Procuramos semear. Colher o fruto pertence a Deus.

Padre Horácio

AQUI, LISBOA!

Continuação da página UM

homens capazes de as fazer cumprir? Pobres inocentes, não se vê jeitos de haver! Proclamam-se os direitos das nações. Estabelecem-se tribunais. Todo o mundo se indigna com a transgressão de princípios. Criam-se direitos de comércio e indústria, para assegurar prosperidade. E os direitos da pessoa humana, daqueles três inocentes são olvidados. Pobres crianças, repito, para quem ninguém olha.

A guarda anda tantas vezes no encaço de vendedores ambulantes que, por falta de meios de trabalho, se sujeitam àquele. E desliza gente sem nome, sem honra, pelas calçadas, com os filhos abandonados, a chorar por quem os largou, e ninguém intervém. Desditosos inocentes!

Ultimamente fomos sabedores de muitas manhas bolorentas na nossa sociedade. Pertinho do nosso Lar, à Estrela, mãe indigna, com mari-

LAR DO PORTO

CONFERENCIA — Amigos, se assim me permitem que vos chame. A distribuição do bode natalício decorreu com alegria. Estavam presentes quase todos os confrades e para maior alegria e de nossos Pobres, esteve em nossa companhia o Senhor Padre Carlos a quem os nossos Pobres já muito amam.

Demos sem ter coisa alguma mas, como Deus é Pai e Poderoso, lá se encarregou de arranjar tudo o que foi preciso e até sobejou. Sim, porque Deus faz tudo o que desejarmos. Basta dispensar-Lhe um pouco da nossa boa vontade e um pouco de sacrificio.

Como em cima narrava tudo correu bem. Foram entregues brinquedos aos pequeninos, distribuímos imensas peças de roupa, géneros e um pouquinho de dinheiro. E, como não podia deixar de ser, demos parte da nossa alegria, porque se assim não fosse não era praticada a caridade.

Se muito demos, ainda mais recebemos. Aqueles sorrisos dos mais pequeninos, as lágrimas de outros, como tive ocasião de presenciar e por vezes um ou outro beijo de pessoas de idade. Quem diz, que os Pobres não nos amam? Demos o que lhes pertence, quanto mais não seja um sorriso, e veremos que somos muito mais beneficiados.

Temos ocasião ainda de apresentar o nosso balancete de 57, que graças a Deus não foi muito mau, mas se os caros leitores quiserem este ano poderá ser melhor um bocadinho.

Ele aqui está:
RECEITAS: Colectas, 108\$70; Subscritores, 4.801\$00; Conselho Particular, 300\$; Diversos, 1955\$10; Total: 24.768\$80.

DESPESA: Socorros em géneros, 9.043\$50; Gasto em medicamentos 650\$00; Rendas de casa, 3.950\$00; Diversas, 5.680\$00; Déficit de 1956, 3.187\$10; total, 22.711\$40; Saldo para 1958: 2.057\$40. Total: 24.768\$80.

Além destas despesas distribuímos ainda várias peças de roupa, sendo algumas do Farrapeiro de S. Vicente de Paulo. Vários remédios que nos têm sido oferecidos por algumas casas do ramo.

A todos os nossos amigos o nosso mais profundo reconhecimento. Não vos esquecemos nas nossas orações. E até à próxima se Deus quiser.

FERNANDO DIAS

PAÇO DE SOUSA

— Este ano iremos ao Coliseu do Porto, fazer a costumada festarada. Não faltarão os «Batatas», os grandes, Coro Orfeónico dirigido pela cana do «Sejaquim» e a malta brava dos «Amigos do Pagode». Ainda é muito cedo mas os senhores vão pensando nisso e nós também. Aparecerá de tudo no palco e não podem faltar os «Fadinhos à Gaiato» que ainda são os de melhor sabor.

No fim, uma sessão de capas à porta. Não esquecer de as enfeitar...

— Os «Amigos do Pagode» estão em forma e por tal motivo não faltam os convites. Além das exhibições que fazemos no nosso salão de festas, já fomos a Beire, Cete, e agora atenção a Baltar no domingo Gordo. No salão dos Bombeiros Voluntários, os baltarenses vão ter a «honra» da nossa visita. O salão deve estar à pinha, pois é em favor da Conferência de S. Vicente de Paulo daquela localidade.

— Duas palavras de agradecimento ao Senhor «Franco Cravador», de Lisboa, por nos executar nas suas oficinas, os emblemas do Grupo Desportivo da Casa do Gaiato que já foram gabados por muita gente. Foram feitos ao preço de Amor! Quem se atreve a dizer que se vão acabar os nossos amigos? Não-de, até, aparecer mais e muitos mais. A Casa do Gaiato é muito grande, estende-se às principais regiões do país, mas os amigos ainda mais. Os nossos sinceros agradecimentos ao Senhor Franco. Não é publicidade, pois as boas casas não precisam dela, mas sim mais peso para a balança do Bem!

— O Grupo Desportivo tem treinado com muita assiduidade. Não tem havido jogos, mas daqui para diante é que vão ser elas... Vão ser muitos os grupos que vão conhecer a nossa

categoria. Quem mais quiser jogar conosco têm de levantar desde já o dedo, porque depois temos todos os domingos ocupados e têm de afiar o dente...

Daniel

LAR DE COIMBRA

Primeiramente, temos a agradecer a todos os nossos amigos que quiseram colaborar no Natal dos nossos Pobres, quer com donativos, géneros, roupas e outras coisas mais.

Graças à generosidade de todos quantos colaboraram, pudemos dar aos nossos Pobres um pouco de alegria, conforto e sentido à alegre quadra do Natal.

Como estamos no inverno também, e os pobres todos se queixam, podemos comprar alguns cobertores e socorrê-los, nas maiores necessidades, contra o frio.

Fica pois aqui expressa a nossa gratidão em nome dos Pobres da nossa Conferência, se bem que, estas coisas não nos compete a nós agradecer-las, porque lá está para recompensar o Pai de Justiça Infinita, para quem tudo tem um prémio... ou um castigo.

Resta porém dizer que não foi agora no Natal que tudo ficou remediado. Não. É preciso continuar a socorrer a miséria e sem o auxílio dos estimados leitores nada feito.

— A venda de «O Gaiato» anda um pouco em baixo, em comparação com os outros anos. Por este motivo, apelamos para os nossos leitores assíduos já que não é possível apelar para os que não têm, que propaguem «O Gaiato», O Melhor do Mundo.

Como a venda anda fraca, o resultado é que a nossa casa anda numa grande crise financeira...

Carlos Manuel Trindade

Do que nós necessitamos

Cont. da página TRES

lembrança até este momento a prestação vencida em 9 de Dezembro. Para castigo envio já a de Fevereiro». Na simplicidade está a beleza. Manda 100\$. Metade «por alma de meu marido». Idem de Aguarda de Cima. O mesmo de Monforte. De Green Strecht 5 dol. para «O Gaiato» e nossos rapazes. Recebemos sim, senhor. Vinte para a Senhora Ana de Jesus. Do hospital da Ericeira um fato de banho e 50\$. Igual quantia para os Pobres do Barredo. A campanha dos mealheiros continua. Na tabacaria Cardoso & Carvalho renderam 640\$. É um estímulo. Quem quiser pode seguir-lhe o exemplo. Vinte e mais vinte. Uma caixa de medicamentos. «É com grande prazer que mando 100\$». Cinco vezes mais da Rua do Almada. África! Uma coberta de Moçâmedes e roupas várias da Beira. Foi agora mesmo. Os «Amigos de D. António Barroso» estiveram cá. «Não viemos apenas para ver. Já fizemos a nossa hora de adoração na capela da casa». Deixaram 1.500\$. Quanto bem não têm feito! Que o digam os Pobres do Barredo mai-los de Miragaia. «Pela alma de meu pai» — 100\$. Vinte+ vinte. Em «O Comercio do Porto» 600\$. Mais lembranças para os Pobres do Barredo. «Peçam a Deus que me deixem em paz». Temos recebido, sim. Mais primícias para o Senhor — 600\$,

do «aumento do meu ordenado». E 184 da mesma origem. Muito amor de Leiria para cobrir o gaiato mais pequenino. Etablissements Madail, pelo Banco Lisboa & Açores, mandaram 1.500\$. Pela mesma via vieram cá ter 450\$. No Espelho da Moda um saquinho de moedas de \$10 e \$20. Ao todo 35\$90. Em acção de graças, 50. Menos trinta do Lobito. Para os Pobres do Barredo por alma de uma Mãe, 200\$. «Em cumprimento de um meu dever», 500\$. «O valor de mais um insignificante tijolo para a vossa grandiosa Obra», 200\$. Os 50 do costume para os Pobres do Barredo. Produto de uma quete num festival de televisão em Valença, 71\$. Livros e distrações para os nossos pequenos. «Para que Deus crie o meu filhinho ofereço 100\$ do primeiro ordenado». Um grupo de gente humilde de Valbom visitou-nos e deixou 38\$40. A lembrança do costume da Avó de Moseavide. Idem de Ermezinde. Quarenta dos meses de Janeiro e Fevereiro. Igual quantia de Cardosos, Leiria. A terminar, 575\$ de quem insistiu muito para ficar no anonimato. E mais um testemunho: «envio 124\$80 parte da primeira gratificação do meu curso de adultos. É para socorrer os infelizes protegidos pela Obra Sublime que faz despertar consciências e criar remorsos na alma de cada um».

P.e Manuel António

Padre Baptista